

UNE MORT TRÈS DOUCE : RELATOS DE VIDAS

Ana Paula Dias IANUSKIEWTZ*

RESUMO: Faz trinta anos que Simone de Beauvoir nos deixou, mas sua presença permanece constante por meio de suas obras ficcionais, seus ensaios, que denunciam a situação marginalizada da mulher e do idoso, sua filosofia existencialista, que incita o sujeito à ação, e suas memórias, que fazem de suas experiências de vida um elemento de análise e crítica social. Sendo assim, neste artigo, temos como objetivo descrever a maneira pela qual a autora apresenta em sua obra autobiográfica, *Une mort très douce*, seu drama existencial, a morte de sua própria mãe, que a remete à trajetória de vida de uma mulher que soube ultrapassar os limites de seu tempo e de sua condição de objeto, para assumir sua liberdade e se recriar como sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: *Une mort très douce*. Simone de Beauvoir. Memórias.

Qu'il s'agisse d'un roman, d'une autobiographie, d'un essai, d'un ouvrage d'histoire, de n'importe quoi, l'écrivain cherche à établir une communication avec autrui à partir de la singularité de son expérience vécue ; son oeuvre doit manifester son existence et porter sa marque : et c'est par son style, son ton, le rythme de son récit qu'il la lui imprime. Aucun genre n'est à priori privilégié, aucun condamné. (BEAUVOIR, 1978, p.163).

O dia quatorze de abril deste ano, dois mil e dezesseis, foi uma data significativa para aqueles que conhecem e admiram a obra e a vida de Simone de Beauvoir, pois fez trinta anos que ela nos deixou. Escritora, feminista e uma mulher de *avant-garde*, muito à frente de seu tempo, Beauvoir não apenas nos deixou um legado de várias obras ficcionais, entre as quais *Les Mandarins*¹ que recebeu o prêmio Goncourt em 1954, mas, também, várias obras autobiográficas

* Doutora em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas – SP – Brasil. 14.800.901 - paulakiewtz@yahoo.com.br

¹ Confira Beauvoir (1954).

e filosóficas. Seus ensaios, *Le Deuxième Sexe* (1949)² e *La Vieillesse* (1970)³, denunciam a situação marginalizada em que se encontram as mulheres e os idosos nas sociedades e são obras fundamentais para os estudos feministas e para uma ampla análise de todos os aspectos sociais, políticos, históricos e psicológicos que permeiam o indivíduo na velhice. Em suas memórias, tais como, *L'Amérique au Jour le Jour* (1948)⁴, *La Longue Marche* (1957)⁵, *Mémoires d'une Fille Rangée* (1958), *La Force de l'Âge* (1960)⁶, *La Force des Choses* (1963), *Tout Compte Fait* (1972)⁷ e *La Cérémonie des Adieux* (1981)⁸, Beauvoir faz de suas próprias experiências de vida um objeto de análise da condição social e política de sua época.

Certamente, o leitor que conhece as obras autobiográficas da autora reconhece em suas obras ficcionais muitas semelhanças entre os fatos ocorridos em sua vida e na sua ficção. Em seus romances como *L'Invitée* (1943)⁹ e *Les Mandarins*, por exemplo, vemos nas relações interpessoais entre as personagens, os dilemas e as experiências que se assemelham com as que a autora retrata em suas memórias, além dos fatos históricos e políticos de sua época que sempre estiveram presentes e ganharam uma nova dimensão em suas narrativas ficcionais. Isso se deve ao fato de que a partir dos anos cinquenta, houve uma aproximação entre os gêneros autobiográficos e os de ficção e, sendo assim, o espaço autobiográfico passou a proporcionar um novo olhar sobre o real, uma reelaboração e síntese da experiência vivida de muitos autores. Em romances autobiográficos, como por exemplo, no romance de Albert Camus (1994), *Le Premier Homme*, lançado depois de sua morte, o eu lírico do autor encontra-se camuflado pelo personagem e goza de mais liberdade para expor suas confissões, as quais, provavelmente, em uma obra autobiográfica não seriam tão abundantes e livres de certa censura por parte do autor. Com o triunfo das ciências humanas, principalmente a psicanálise, e a ansiedade em relação ao futuro depois de duas Grandes Guerras, os escritores voltam-se para a questão do sujeito e nutrem a ficção com experiências de vida.

² Confira Beauvoir (1976a, 1976b).

³ Confira Beauvoir (1970).

⁴ Confira Beauvoir (1997).

⁵ Confira Beauvoir (1963).

⁶ Confira Beauvoir (1960).

⁷ Confira Beauvoir (1978).

⁸ Confira Beauvoir (1981).

⁹ Confira Beauvoir (1972).

Labouret (2013), ao discorrer sobre a ascensão de obras autobiográficas nesse período, esclarece:

Le récit autobiographique devient une épopée apocalyptique, en même temps qu'il intègre le ton des pamphlets pour dénoncer avec véhémence toutes les bassesses humaines. Seule la mise en fiction est à mesure de ces temps de catastrophe, mais l'imagination suppose une conscience imaginante qui puise ses images dans le vécu. (LABOURET, 2013, p.190-191).

Simone de Beauvoir compôs um acervo de obras autobiográficas que é certamente um dos maiores escritos por uma mulher, de acordo com Keefe: “[...] *taken as a whole, the four volumes of Beauvoir's memoirs (well over three quarters of a million words) must form one of the longest autobiographies in any language by woman.*” (KEEFE, 1983, p.44). Na introdução de *La Force des Choses*, sua terceira obra autobiográfica publicada em 1963, Beauvoir explica ao leitor as razões pelas quais ela desejou continuar a falar de si, “à se raconter” como ela dizia: “[...] *j'ai voulu m'y jeter, vivre encore, et m'y mettre en question avant que toutes les questions se soient éteintes.*” (BEAUVOIR, 1976c, p.7). Dessa forma, para Beauvoir, a escrita de si mesmo é um meio de se colocar em questão, ou seja, constitui uma atividade de autoanálise e uma maneira audaciosa que a autora encontrou para expor além do universo ficcional, o caráter pessoal, público e político de seus textos, como também, a situação das mulheres de sua época com seus entraves, dilemas, ou mesmo subversões, como declara Golay:

[...] en prenant part publiquement aux combats de son époque, en contestant “en pratique”, dans sa vie comme dans son écriture, la séparation du “personnel et du politique”, du “domaine public et privé”, Simone de Beauvoir a mis littérairement “en jeu sa personne tout entière”. (GOLAY, 2013, p.18).

Dessa maneira, em *Une Mort Très Douce*¹⁰, publicado em 1964, Beauvoir fornece a seus leitores um relato comovente de um momento de sua vida, a experiência da perda de sua mãe. Servindo-se como sujeito de sua própria análise, a autora compõe nessa obra o retrato de uma mulher do seu tempo, ansiosa pelo desejo de se impor como um indivíduo livre que busca seu crescimento pessoal e profissional e descreve a figura de sua mãe, uma mulher inteligente, mas submissa ao seu destino limitado pelos “deveres do matrimônio”.

¹⁰ Confira Beauvoir (1999).

Françoise de Beauvoir faleceu em 4 de dezembro de 1963, aos 78 anos, vítima de um tumor no intestino que a fez passar penosos dias em um leito de hospital em Neuilly. Nessa ocasião, Beauvoir estava com 55 anos e a morte de sua mãe a tocou profundamente trazendo reminiscências de sua infância, sua juventude e maturidade ao lado daquela que, de certa maneira, também teve grande influência em sua vida. Já em *Mémoires d'une Jeune Fille Rangée*, Beauvoir (1998) cita a figura de sua mãe em diferentes fases de sua vida: na infância, Françoise lhe impunha uma educação burguesa rígida e controladora; em sua juventude, sua mãe a vigiava escolhendo muitas vezes suas leituras e lendo suas correspondências pessoais; e a partir do momento em que Beauvoir rompeu com os princípios religiosos, que sua mãe tanto prezava, e buscou uma vida mais livre, intelectualizada e diferenciada da maioria das mulheres de seu tempo, uma grande lacuna se estabeleceu entre elas. Porém, Françoise de Beauvoir foi quem lhe apregoou os primeiros valores e quem a “modelou” até certo ponto: “[...] *ainsi vivions-nous, elle et moi, dans une sorte de symbiose, et sans m'appliquer à l'imiter, je fus modelée par elle. Elle m'inculqua le sens du devoir, ainsi que de consignes d'oubli de soi et d'austérité.*” (BEAUVOIR, 1998, p.57).

A princípio, o título dessa obra é um tanto quanto bizarro ou mesmo irônico, pois em vários momentos o leitor se depara com o sofrimento físico e emocional de Françoise de Beauvoir e com a angústia de Simone de Beauvoir ao ver a vulnerabilidade e a fragilidade de sua mãe diante da iminência da morte: “[...] *pauvre carcasse sans défense, palpée, manipulée par des mains professionnelles, où la vie ne semblait se prolonger que par une inertie stupide.*” (BEAUVOIR, 1999, p.27). Porém, é a agonia de ver a figura materna exposta a essa situação que faz Beauvoir procurar em vários momentos de sua narrativa maneiras de tornar a morte de sua mãe mais suave, mais doce e menos sofrida, apesar de se sentir, em várias circunstâncias, frustrada por essa impossibilidade. A morte, com sua imposição infalível, faz com que Beauvoir se revolte contra ela, tal como sua mãe: “[...] *maman aimait la vie comme je l'aime et elle éprouvait devant la mort la même révolte que moi.*” (BEAUVOIR, 1999, p.132). Segundo a autora, a morte nunca é encarada de maneira natural pelo homem, pois nada do que lhe acontece é natural, uma vez que sua presença coloca o mundo em questão:

Il n'y pas de mort naturelle: rien de ce qui arrive à l'homme n'est jamais naturel puisque sa présence met le monde en question. Tous les hommes sont mortels : mais pour chaque homme sa mort est un accident et, même s'il la connaît et y consent, une violence induite. (BEAUVOIR, 1999, p.152).

No entanto, foi a presença da morte que permitiu a Beauvoir colocar em questão o passado de sua mãe: sua relação com ela, o papel de sua mãe como esposa e mulher, condicionada a suportar calada seus dilemas, a não julgar e a ser submissa a todo tipo de autoridade: “[...] *elle ne pouvait pas parler de ses difficultés à personne, pas même à soi. On ne l’avait habituée ni à voir clair en elle, ni à user de son propre jugement. Il lui fallait s’abriter derrière des autorités.*” (BEAUVOIR, 1999, p.59). Entretanto, da mesma forma como a autora afirmou em seus ensaios, obras ficcionais e entrevistas que o primeiro passo para a emancipação feminina seria a independência econômica da mulher, ela lamenta em *Une mort très douce* o fato de sua mãe não ter tido um emprego, uma oportunidade para desenvolver o seu potencial:

Tenace, consciencieuse, douée d’une bonne mémoire, elle pouvait devenir libraire, secrétaire : elle aurait monté dans sa propre estime au lieu de se sentir diminuée. Elle aurait eu des relations à elle. Elle aurait échappé à une dépendance que la tradition lui faisait trouver naturelle mais qui ne convenait pas du tout à son caractère. Et sans doute aurait-elle alors mieux supporté la frustration qu’elle subissait. (BEAUVOIR, 1999, p.50).

A devoção de Françoise de Beauvoir ao casamento, ao seu marido, aos cuidados domésticos e à educação primorosa de suas filhas foram, durante muito tempo, as únicas justificativas de sua existência: “[...] *elle a dû renoncer à beaucoup de ses rêves: les désirs de papa passaient toujours avant les siens.*” (BEAUVOIR, 1999, p.48). Ao se casar, o pai de Françoise de Beauvoir, Gustave Basseur, tinha falido como um dos fundadores de um banco em Meuse, na região da Lorena, e foi incapaz de oferecer um dote ao seu genro. Isso fez com que ela sempre mantivesse um sentimento de gratidão pela “generosidade” de seu marido, de tê-la aceitado como esposa sem receber nada em troca: “[...] *la dot promise à papa ne fut pas versée. Elle trouva sublime qu’il ne lui en tint pas rigueur et toute sa vie elle se sentit en faute devant lui.*” (BEAUVOIR, 1999, p.49). Porém, essa mulher passiva, tal como descreve Simone de Beauvoir, se rebelou com a morte de seu marido sendo que, aos 54 anos, viúva, sem emprego e sem contar com nenhuma ajuda financeira deixada pelos anos vividos ao lado de seu esposo, Françoise de Beauvoir se redefiniu e passou a usufruir de toda a liberdade com a qual não podia contar quando casada:

Elle avait profité de sa liberté retrouvée pour se reconstruire une existence conforme à ses goûts[...] Elle avait passé des examens, fait des stages, et obtenu

un certificat qui lui avait permis de travailler comme aide-bibliothécaire dans les services de la Croix-Rouge. Elle avait réappris à monter à bicyclette pour se rendre à son bureau[...] Avide de vivre enfin à sa guise, elle s'était inventé une foule d'activités[...] Elle s'était fait un grand nombre de nouvelles amies; elle avait renoué aussi avec d'anciennes relations et des parents que la morosité de mon père avait éloignés[...] Elle avait pu enfin satisfaire un de ses désirs les plus obstinés : voyager... (BEAUVOIR, 1999, p.24-26)

Beauvoir foi constantemente a protagonista, a personagem feminina de suas narrativas autobiográficas que expôs seu pensamento feminista e rebateu valores que, mesmo atualmente, insistem em posicionar a mulher como objeto. Assim, acreditamos que suas leitoras, ao se depararem com confissões tão sinceras vindas de uma autora como ela, cuja percepção da realidade e o senso analítico eram de uma sagacidade singular, também são incentivadas a se colocar à prova, a questionar cada qual sua situação no mundo e encontrar um sentido para suas existências para que suas vozes sejam cada vez mais ouvidas e respeitadas.

Une mort très douce : life stories

ABSTRACT: *It has been thirty years since Simone de Beauvoir passed away, but her presence has always remained constant due to her fictional works, her essays, which criticize the marginalized status of women, her existentialist philosophy, which encourages the individual to action, and her memoirs, which reveal her life as an element of analysis and social criticism. This paper thus aims to describe the way in which the author presents, in her autobiographical work *Une mort très douce*, her existential drama and the death of her mother, which leads her to the story of a woman's life who managed to go beyond the limits of her time and her objectified condition to assume her freedom and recreate herself as a subject.*

KEYWORDS: *Une mort très douce. Simone de Beauvoir. Memoirs.*

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **Une mort très douce**. Paris: Gallimard, 1999.

_____. **Mémoires d'une jeune fille rangée**. Paris: Gallimard, 1998.

_____. **L'amérique au jour le jour**. Paris : Gallimard, 1997.

_____. **La cérémonie des adieux suivi de Entretiens avec Jean-Paul Sartre**. Paris: Gallimard, 1981.

- _____. **Tout compte fait**. Paris: Gallimard, 1978.
- _____. **Le deuxième sexe I**. Paris: Gallimard, 1976a.
- _____. **Le deuxième sexe II**. Paris: Gallimard, 1976b.
- _____. **La force des choses**. Paris: Gallimard, 1976c.
- _____. **L'invitée**. Paris.: Gallimard, 1972.
- _____. **La vieillesse**. Paris: Gallimard, 1970.
- _____. **A longa marcha**. Trad. Alcântara Silveira. São Paulo: Ibrasa, 1963.
- _____. **La force de l'âge**. Paris: Gallimard, 1960.
- _____. **Les mandarins**. Paris : Gallimard, 1954.
- CAMUS, A. **Le premier Homme**. Paris: Gallimard, 1994.
- GOLAY, A. M. **Beauvoir Intime et Politique. La Fabrique des Mémoire**. Villeneuve d'Ascq : Presses Universitaires du Septentrion, 2013.
- LABOURET, D. **Littérature française du XX siècle (1900-2010)**. Paris: A. Colin, 2013.
- KEEFE, T. **Simone de Beauvoir**: A study of her writing. London: Harrap, 1983.



